



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 29/04/2022 a 05/05/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
29/04/2022	17,08	440,50	89,17	10,43	8,18
02/05/2022	16,74	442,90	82,70	10,43	8,13
03/05/2022	16,59	436,40	84,30	10,33	8,00
04/05/2022	16,69	428,30	87,08	10,66	7,98
05/05/2022	16,78	426,90	86,50	10,96	8,03
Média	16,78	435,00	85,95	10,56	8,06

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	184,00	
RS – Não Me Toque	184,00	
RS – Londrina	177,00	
PR – Cascavel	177,00	
MT – C.N.Parecis	169,00	
MS – Maracaju	178,00	
GO - Rio Verde	170,00	
BA – L.E.Magalhães	170,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	93,00	CIF
Porto de Paranaguá	96,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	85,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	79,00	
MT – C.N.Parecis	74,00	
MS – Maracaju	78,00	
SP – Itapetininga	85,00	
SP – Campinas	87,00	CIF
GO – Rio Verde	80,00	
GO – Jataí	80,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	100,00	
RS – Não Me Toque	100,00	
PR – Londrina	93,00	
PR – Cascavel	100,00	

Período: 04/05/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 05/05/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	87,47	191,73	97,91

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
05/05/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	70,76
Feijão (saco 60 Kg)	275,36
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,71
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,26**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,30

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Abril/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, cederam nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (05), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 16,78/bushel, contra US\$ 17,06 uma semana antes. A registrar que a média de abril ficou em US\$ 16,82/bushel, com um aumento de apenas 0,18% sobre a média de março. Lembrando que em abril de 2021 a média do mês foi de US\$ 14,65/bushel.

Dito isso, o plantio nos EUA avançou no final de abril, com o USDA indicando que, até o dia 01/05, o mesmo atingia a 8% da área esperada. Mesmo assim, tal plantio está atrasado, já que no ano passado, nesta data, chegava a 22% e a média histórica é de 13%.

Na prática, ajustes técnicos, com compras mais significativas em Chicago puxaram para baixo as cotações, embora a continuidade na firmeza da cotação do óleo de soja. O mesmo permaneceu acima dos 80 centavos de dólar por libra-peso durante toda a semana. Todavia, o farelo de soja recuou mais uma vez em Chicago, chegando ao seu menor nível desde o final de janeiro passado, ao atingir, no dia 05/05 a US\$ 426,90/tonelada curta.

Além das novas paralisações na economia chinesa, devido aos surtos de Covid-19, e da guerra entre Rússia e Ucrânia, o mercado continua atento ao ritmo de plantio nos EUA, o qual depende do clima naquele país. E este último causa algumas preocupações no momento.

Por sua vez, o FED aumentou a taxa de juro básica nos EUA em 0,5 ponto percentual nesta semana, levando a mesma para o intervalo de 0,7% a 1,0% ao ano. Como o Brasil elevou, no mesmo dia, a Selic em um ponto percentual, para 12,75% ao ano, a diferença entre as duas taxas permanece elevada, fato que levou o Real a se revalorizar, batendo em R\$ 4,90 no fechamento do dia 04/05, porém, voltando a R\$ 5,03 no dia seguinte.

Diante de todo este contexto, o mercado externo da soja tem se mantido muito volátil. Este movimento continuará nas próximas semanas, especialmente diante das indefinições climáticas nos EUA, naturais nesta época do ano. Por enquanto, o plantio da soja, estando atrasado, devido ao excesso de chuvas nas regiões produtoras daquele país, deixa o mercado em alerta.

Já na Índia, houve a permissão de importação de 550.000 toneladas extras de farelo de soja transgênico, visando auxiliar a indústria avícola local, diante do elevado custo de produção. Em agosto de 2021 o governo indiano afrouxou as regras de importação, permitindo a compra das primeiras 1,2 milhão de toneladas de farelo transgênico em busca de reduzir o custo de produção das aves e, com isso, reduzir os preços ao consumidor local. O volume liberado agora vem completar aquela cota estabelecida no ano passado, a qual não havia sido preenchida pelos importadores até então. Neste sentido, a Associação de Processadores de Soja da Índia se opôs a decisão do governo, se posicionando no sentido de que o mesmo “não deveria permitir nenhum alimento geneticamente alterado, já que o país não permite que os agricultores cultivem nenhum produto transgênico.” (cf. Reuters)

E no Brasil, os preços recuaram, puxados pela redução em Chicago e pela revalorização do Real, mantendo a volatilidade conhecida deste mercado. A média gaúcha fechou a primeira semana de maio em alta, a R\$ 191,73/saco, porém, as principais praças estaduais trabalharam em recuo, com valores de R\$ 184,00/saco. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 169,00 e R\$ 178,00/saco.

Embora os vendedores no país estejam mais ativos no mercado, diante dos vencimentos de custeio, uma parcela de produtores de soja segue retraída, à espera de novos avanços dos valores nos próximos meses, para quando a paridade de exportação indica preços maiores frente aos observados no mercado físico nacional atualmente. (cf. Cepea)

Por outro lado, até o dia 22/04 a colheita da soja havia alcançado 93% no país, ficando dentro da média histórica. (cf. Datagro) Neste momento, a mesma está praticamente finalizada, faltando ainda o Rio Grande do Sul, dentre os principais produtores nacionais, a concluir a mesma. No Estado gaúcho, até o dia 28/04, 68% da área havia sido colhida, contra 89% na média histórica para a época. As fortes e constantes chuvas, em grande parte desta última semana, voltaram a travar a colheita. Por enquanto, a quebra na safra gaúcha total continua em 52% da colheita prevista. (cf. Emater)

Em termos de Brasil, novas estimativas, agora da consultoria StoneX, aumentaram a projeção para o volume da atual safra, passando a mesma para 123,4 milhões de toneladas, contra 122 milhões no seu último levantamento. Mesmo assim, o volume indicado representa perda de 9,2% em relação à safra anterior e está 15% abaixo do potencial inicial para esta atual safra, que era de 145 milhões de toneladas. Para as exportações brasileiras da oleaginosa, a referida consultoria aumentou o volume para 77 milhões de toneladas em 2022. Antes de ser constatada a quebra da safra, a previsão era de mais de 90 milhões de toneladas a serem exportadas, enquanto no ano passado o volume chegou a 86 milhões.

Por outro lado, nas exportações, a Anec aponta que em maio o país deverá vender ao exterior 8 milhões de toneladas de soja, com um recuo de 43% sobre o mesmo mês do ano passado. Com isso, no acumulado dos cinco primeiros meses do ano, os embarques devem cair 14,5% neste ano, chegando em torno de 43 milhões de toneladas. Já em abril os embarques recuaram mais de 4 milhões de toneladas na comparação com abril de 2021. Esse recuo se deve a menor oferta do produto após as perdas pela seca nesta última safra. Enquanto isso, a exportação de farelo de soja, em maio, deverá ficar em 1,68 milhão de toneladas, praticamente o mesmo volume de maio do ano passado.

Particularmente no porto de Paranaguá (PR), as exportações do complexo soja (grão, farelo e óleo) atingiram a 4,97 milhões de toneladas no primeiro trimestre de 2022. Este volume é quase 25% superior ao registrado no mesmo período de 2021. O maior aumento foi registrado nas exportações de óleo de soja: 57,3%. Foram 327.975 toneladas exportadas nos três primeiros meses deste ano, contra 208.529 toneladas carregadas no mesmo período de 2021. Neste ano, no período, não houve registro de volume importado do complexo soja. No primeiro trimestre no ano passado foram importadas quase 45.500 toneladas de óleo de soja. Já em farelo de soja, foi exportado, no último trimestre, um pouco mais de 1,3 milhão de toneladas, volume

38,4% maior que o registrado no mesmo período do ano passado. Enfim, as exportações do grão de soja atingiram a 3,3 milhões de toneladas, com aumento de 17,6% sobre o primeiro trimestre do ano passado. Como o Paraná possui um dos principais parques esmagador de soja do Brasil, não se descarta que o Estado venha a importar soja em grão e exporte o farelo, que tem maior valor agregado. (cf. Portos do Paraná)

Já o Deral aponta que a produção final de soja no Paraná deve ter ficado entre 11,6 a 12 milhões de toneladas nesta safra, o que representa um recuo de 45% sobre o esperado inicialmente. Segundo ainda o órgão público, nos últimos três anos a média exportada de soja em grão no Paraná foi de aproximadamente 59% da quantidade produzida, e o restante ficando no mercado interno.

E no Mato Grosso, segundo o Imea, a produção de soja esperada para a safra 2022/23 é de 39,5 milhões de toneladas. A mesma começa a ser semeada a partir de setembro, com uma área projetada em 11,2 milhões de hectares. Os altos preços da soja nesta temporada motivaram alguns produtores a fazerem a conversão de áreas de pastagens para agricultura, principalmente em regiões onde a pecuária predomina –nordeste e norte daquele Estado. Quanto a última colheita, recentemente realizada, o Instituto rebaixou a produção para 38,9 milhões de toneladas devido ao excesso de chuvas no final do ciclo da planta. Mesmo assim, o volume colhido pelo Estado ficou 7,8% acima do ano anterior.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, voltaram a recuar durante esta semana. O fechamento desta quinta-feira (05) ficou em US\$ 8,03/bushel, contra US\$ 8,16 uma semana antes, sendo que na véspera o bushel chegou mesmo a US\$ 7,98. A média de abril fechou em US\$ 7,86/bushel, com alta de 5,2% sobre março. Para comparação, a média de abril do ano passado foi de US\$ 6,16/bushel.

Nos EUA, a área semeada com milho chegou a 14% no dia 01/05, contra 42% um ano atrás, nesta época, e 33% na média histórica. A pressão da alta do juro básico nos EUA, a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, e novos surtos de Covid-19 na China, além do clima sobre as regiões produtoras estadunidenses, continuam na mira do mercado. Neste último caso, a virada da semana trouxe, finalmente, boas chuvas às regiões produtoras daquele país, porém, a atenção sobre o tema continua, pois nos últimos dias o excesso de chuvas começa a preocupar os agricultores. Afinal, há um grande atraso no plantio do cereal neste ano, fato que pode comprometer a produtividade final da safra. Além disso, dependendo da região do país, após o 15 de maio, o seguro agrícola cai um bushel (25,4 quilos) de cobertura a cada dia adicional de atraso, o que tende a desencorajar a finalização do plantio. Isso pode levar a uma substituição de área em favor da soja.

Já na China, há informações de que o governo local planeja aprovar, pela primeira vez, o milho transgênicos do grupo Syngenta. Pequim já deu aprovação de biossegurança para algumas outras características domésticas de milho transgênico e propôs uma revisão das regras de sementes do país, com objetivo de abrir caminho para

aprovações de culturas transgênicas como parte de um esforço para se preparar para o cultivo comercial do grão. (cf. Reuters)

E no Brasil, os preços internos melhoraram nesta semana. A média gaúcha fechou a mesma em R\$ 87,47/saco, enquanto nas demais praças nacionais o cereal foi cotado entre R\$ 74,00 e R\$ 85,00/saco.

Por aqui, além dos fatores externos, a atenção se volta para o clima e o desenvolvimento na nova safrinha. Ao mesmo tempo, parte dos consumidores relata ter estoques confortáveis, enquanto vendedores analisam a necessidade de realização de “caixa” e/ou de liberar espaços nos armazéns. Há uma expectativa de que a demanda externa pelo milho brasileiro, neste ano, cresça devido aos problemas de plantio nos EUA, além da continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia. Ao mesmo tempo, na Argentina, a Bolsa de Cereais de Buenos Aires estima que serão produzidas 49 milhões de toneladas em 2021/22, 3,5 milhões de toneladas a menos do que na temporada anterior. (cf. Cepea)

Em paralelo, na B3, o fechamento do dia 04/05 indicou recuo nos preços, com o contrato julho fechando a R\$ 92,75/saco e setembro a R\$ 94,15.

Importante lembrar que a colheita da safrinha se aproxima, faltando entre duas a três semanas para o seu início. Apesar de perdas importantes em algumas regiões, a expectativa é de uma colheita significativa. A entrada desta nova safra pode, no imediato, pressionar para baixo os preços do cereal no mercado nacional. Além disso, a revalorização do Real favorece as importações, caso necessário. Neste momento, se espera uma colheita superior a 80 milhões de toneladas na safrinha, com um consumo de 40 milhões. Com isso, sobram outros 40 milhões, sendo que 35 milhões de toneladas tendem a ser exportadas. Caso contrário, sobrarão muito milho estocado, fato que derrubará os preços internos. (cf. Brandalitze Consulting)

Dito isso, a colheita do milho de verão, no Centro-Sul brasileiro, se aproxima do fim, com uma produção bem menor do que o inicialmente esperado, devido aos problemas climáticos já conhecidos. No Rio Grande do Sul, até o dia 28/04 a mesma atingia a 84% da área, contra 77% na média histórica para a data. As constantes chuvas desta última semana praticamente travaram a mesma. As perdas devido a seca no verão, no total do Estado, chegariam a 55% do previsto inicialmente. (cf. Emater)

Já a consultoria privada StoneX prevê, para a atual safrinha brasileira, um volume de 88,14 milhões de toneladas, igualmente reduzindo o mesmo em relação às primeiras estimativas. Há problemas climáticos em algumas regiões produtoras. Por exemplo, em Goiás a produção foi reduzida para 9,7 milhões de toneladas, com corte de 15% sobre o inicialmente estimado, enquanto no Mato Grosso o volume tende a chegar a 39,6 milhões, com recuo de 4,7% sobre as primeiras indicações. Em abril, no centro do país, houve pouca chuva, fato que pode diminuir ainda mais a estimativa total da atual safrinha. Neste sentido, a consultoria Rural Clima já projeta uma safrinha entre 80 e 84 milhões de toneladas para o corrente ano.

Diante desta situação, a produção final de milho no país tende a ficar entre 112 e 116 milhões de toneladas em 2021/22. Em sendo assim, a exportação, ficando entre 35 e 40 milhões de toneladas, e o consumo interno em 75,5 milhões de toneladas, os

estoques finais do cereal podem recuar para algo entre 9 e 10 milhões de toneladas, contra 12 milhões nas estimativas anteriores.

Neste contexto, vale destacar que a safrinha de milho no Paraná teve leve piora nesta última semana, com o milho em boas condições recuando para 92% da área, diante de 96% semanas antes. As lavouras em situação média saíram de 4% para 7%, e 1% da safra passou a ser considerada ruim. Neste momento, o Paraná ainda espera uma produção final de 16 milhões de toneladas na safrinha, contra apenas 5,7 milhões de toneladas da frustrada safrinha passada. (cf. Deral)

Já o Imea, no Mato Grosso, cortou a estimativa de produção da sua safrinha, com a mesma vindo a 39,3 milhões de toneladas, contra 40,6 milhões anteriormente. A produtividade média do cereal está projetada em 103,8 sacos/hectare, com queda de 3,26% ante o último levantamento. O motivo é a estiagem em algumas regiões do Estado.

Enfim, a União Nacional de Etanol de Milho (Unem) atualizou a perspectiva de produção de etanol de milho, para o Brasil, na safra 2022/2023, para 4,5 bilhões de litros, com um incremento de 31% em comparação a safra anterior e de 7% com relação à última expectativa de produção. A safra 2021/2022, que se encerrou em abril, totalizou uma produção de 3,43 bilhões de litros de etanol. O volume de milho processado pelas usinas também deverá aumentar de 7,98 milhões de toneladas para 10,38 milhões de toneladas, com alta de 30% neste ano, sobre o ano anterior. Com isso, o etanol de milho deverá ampliar sua participação na produção total do biocombustível, passando de 12,5% para 15% no país. Na safra 2021/2022, o Brasil produziu 27,53 bilhões de litros de etanol, somando o biocombustível à base de cana-de-açúcar e o de milho. Para a próxima temporada, a estimativa de produção é de 30 bilhões de litros. Desde o ano passado, usinas que já atuam no mercado vêm anunciando expansão de suas unidades. Em setembro de 2021, a Agência Nacional de Petróleo (ANP) autorizou o aumento da produção de etanol da unidade de Sinop de 1,7 milhão de litros para 3 milhões de litros/dia, passando a produzir 1 bilhão de litros/ano. Em Sorriso, uma indústria teve sua capacidade ampliada para 880 milhões de litros/ano. Afora isso, pelo menos duas novas unidades deverão entrar em operação em 2022, sendo uma delas em Dourados (MS), com capacidade inicial de produzir 1,3 milhão de litros/dia a partir de maio e previsão de dobrar a produção na segunda fase, em agosto deste ano. Mais uma unidade deve iniciar a operação no final de 2022 e outras usinas vão expandir a capacidade produtiva. Enfim, a produção de farelos de milho, utilizado como insumo para ração de animais, tanto pets quanto suínos, peixes e aves, e na intensificação da pecuária de corte, deverá atingir 2,53 milhões de toneladas, alta de 36% frente à produção da safra 2021/2022, quando foram produzidas 1,85 milhão de toneladas. A produção de óleo de milho também será ampliada, passando de 114.900 toneladas para 164.700 toneladas, com alta de 43%. (cf. Imea)

MERCADO DO TRIGO

Em Chicago, a cotação do trigo, para o primeiro mês, após ensaiar um movimento de recuo, voltou a subir, fechando a quinta-feira (05) em US\$ 10,96/bushel, contra US\$ 10,74 uma semana antes, sendo que a média de abril ficou em US\$ 10,66, ou seja,

negativa em 5,2% em relação a março. Em abril do ano passado, a média foi de apenas US\$ 6,67/bushel.

Dito isso, o plantio do trigo de primavera, nos EUA, chegou a 19% da área no dia 01/05, contra 46% da área no ano passado, nesta data, e 28% na média histórica. Já o trigo de inverno, na mesma data, apresentava apenas 27% das lavouras em condições entre boas a excelentes, repetindo o percentual da semana anterior.

Por outro lado, a Comissão Europeia cortou sua previsão para a colheita de trigo da União Europeia em 2022/23. Ela reduziu sua perspectiva para a produção utilizável de trigo macio, na temporada de julho de 2022 a junho de 2023, para 130,1 milhões de toneladas, ante 131,3 milhões de toneladas anteriormente. Por sua vez, a invasão russa à Ucrânia, há mais de dois meses, paralisou exportações massivas ucranianas, levando a preços recordes de trigo e oleaginosas na Europa. Por enquanto, a Comissão manteve sua previsão para as exportações de trigo macio da União Europeia, para 2022/23, em 40 milhões de toneladas, o que seria um recorde histórico para o bloco. Mesmo assim, a União aumentou sua projeção de estoques de trigo macio, até o final de 2022/23, para 12,6 milhões de toneladas, contra 12,2 milhões estimados um mês atrás. Para 2021/22, os estoques finais de trigo macio aumentaram para 14,8 milhões de toneladas, contra 13,2 milhões indicados anteriormente, já que as exportações previstas foram cortadas em um milhão de toneladas, ficando em 32 milhões, e as importações esperadas ficariam em 2,5 milhões. (cf. Reuters)

Ao mesmo tempo, a produção de cevada da União Europeia, para 2022/23, foi reduzida para 53,5 milhões de toneladas, enquanto a produção de milho esperada veio para 73,4 milhões de toneladas. A Comissão manteve sua expectativa de uma queda acentuada nas importações de milho, para 9 milhões de toneladas, contra 14 milhões em 2021/22. Em oleaginosas, o órgão da União elevou sua previsão de produção de colza, para a safra 2022/23, para 18,3 milhões de toneladas. Para as importações de óleo de girassol, que vêm principalmente da Ucrânia, a Comissão aumentou sua estimativa, para 2021/22, para 1,9 milhão, mas reduziu sua projeção para 2022/23, de 900.000 toneladas para 800.000. (cf. Reuters)

Já na Índia, a produção de trigo local deve recuar em 2022, após cinco anos consecutivos de colheitas recordes. O problema é o forte calor e a falta de umidade junto às lavouras deste ano. Com isso, o recuo pode levar a uma redução nas exportações indianas do cereal. Lembrando que, aproveitando a crise entre Rússia e Ucrânia, a Índia exportou um recorde de 7,85 milhões de toneladas no ano fiscal até março/22, com um aumento de 275% em relação ao ano anterior. Esperando outra safra recorde, comerciantes e funcionários do governo viram uma oportunidade de exportar 12 milhões de toneladas de trigo no início do atual ano fiscal de 2022/23. Afinal, em meados de fevereiro, quase um mês antes da recente onda de calor, o governo disse que a Índia estava a caminho de colher uma safra histórica de 111,32 milhões de toneladas do grão, superando as 109,6 milhões de toneladas do ano anterior. Agora, fala-se em uma produção de 105 milhões de toneladas. Em 2022, a Índia registrou seu mês de março mais quente em 122 anos, com a temperatura máxima em todo o país subindo para a média de 33,1 graus Celsius, quase 1,86 grau acima do normal, segundo dados compilados pelo Departamento Meteorológico da Índia. Em algumas regiões as mesmas se aproximaram dos 50 graus. Diante disso, o governo indiano passou a limitar as exportações de trigo do país. Isso pesou sobre o

mercado internacional, já que a Índia é o oitavo maior exportador global do cereal. (cf. Reuters)

Enquanto isso, no Brasil os preços do trigo subiram. A média gaúcha no balcão chegou a R\$ 97,91/saco, sendo que as principais praças compradoras do Estado se fixaram em R\$ 100,00/saco. No Paraná, o mercado se manteve entre R\$ 93,00 e R\$ 100,00/saco.

A desvalorização recente do Real encareceu o produto de importação, elevando a demanda pelo trigo nacional, porém, esse movimento é muito volátil e tende a se alterar na medida em que a moeda nacional voltou a se valorizar em meados da corrente semana. Por outro lado, o plantio e o clima na região sul do Brasil começam a ser os elementos centrais do mercado. Espera-se uma produção nacional em crescimento para 2022. Segundo a Embrapa, a área nacional pode aumentar em 13%, atingindo a 3,1 milhões de hectares. Em clima normal, tal área poderá resultar em 8,5 milhões de toneladas, o que seria um recorde, e pressionaria para baixo os preços internos no final do ano. Especialmente se a guerra entre Rússia e Ucrânia encontrar uma solução neste período.

Especificamente no Paraná, segundo o Deral, o plantio da nova safra de trigo atingia a 13% até o início da presente semana, sendo que 100% das lavouras semeadas estavam em bom estado. A semeadura do cereal, neste ano, está adiantada, já que no ano passado a mesma atingia apenas 6% da área nesta época do ano. Por fim, no Rio Grande do Sul o plantio está apenas iniciando, não havendo ainda estatísticas significativas. Lembrando que o atraso na colheita da soja acaba atrasando o plantio do trigo neste Estado.